

Negros Dahomeyans em exibição. Espetáculo e ciência na Exposição Universal de Chicago (1893).

Sandra Sofia Machado Koutsoukos*

Resumo: Este artigo apresenta os Dahomeyans exibidos como entretenimento, curiosidade e objeto de estudo científico, durante a Exposição Universal de Chicago de 1893. Naquele momento, classificados como fazendo parte do início da *escala evolutiva* humana, os Dahomeyans foram exibidos junto a outros povos negros, a índios e a pessoas com características consideradas “bizarras” (*freaks*). Tais exposições, a princípio, vinham supostamente cumprir a função de informar e suscitar o respeito por aquele “outro”, mas terminavam por incutir mais sentimentos de superioridade no branco de ascendência européia, ajudando a reafirmar teorias racistas então em voga e, assim sendo, “justificando” e “desculpando” o crescente imperialismo.

Palavras-chave: Exposição Universal de Chicago, 1893; Dahomeyans; fotos de pessoas exibidas.

Title: Exhibiting Dahomeyans: the show of science in the Chicago Columbian Exposition (1893).

Abstract: This article deals with the exhibition of Dahomeyans for the entertainment, curiosity and study of the public attending the Chicago Columbian Exposition of 1893. At that time Dahomeyans were thought to represent the beginning of the evolution of humankind. They were exhibited side by side with other African peoples, native Americans and several persons considered ‘freaks’. These shows intended to convey information and provoke respect for other peoples; however, they ended up strengthening the alleged superiority that whites of European descent felt vis-à-vis other cultures. As it turned out, the exhibits helped to forward racist ideologies and provide a justification for imperialist policies.

Keywords: Chicago Columbian Exposition, 1893; Dahomeyans; photographs of people exhibited.

*

A exibição de pessoas nas exposições do século XIX ao XX.

As exposições do que era classificado na chave do “exótico”, ou mesmo “bizarro”, haviam tomado vulto desde fins do século XVIII, principalmente em coleções particulares e

* Pós-Doutoranda em Multimeios, Mídia & Comunicação, Instituto de Artes, UNICAMP (Campinas – SP). Supervisão: Prof. Dr. Fernando Cury de Tacca. Bolsista FAPESP.

em circos. Nas grandes exposições universais, que passaram a ser organizadas a partir de 1851 (quando se deu a primeira, em Londres), eram exibidos os ícones do progresso de cada país participante, sua indústria, tecnologia, ciência, arte e civilização, ao lado de culturas e pessoas consideradas “bizarras”, “exóticas” e/ou “primitivas”, a título de exemplo: defeituosos de nascença, anões, pessoas com hirsutismo, pigmeus, aborígenes africanos e australianos, pessoas de tribos que supostamente ainda praticavam a antropofagia como ritual de dominação de outras tribos, tribos que possuíam outros hábitos culinários chamados “exóticos”, tribos e culturas de diferentes lugares, etc. Era tênue a fronteira entre o que era considerado *exato* (científico) e *exótico* (curioso); assim como era tênue a fronteira entre o que era considerado *exótico* e *bizarro* (grotesco). O que se fazia era selecionar, colecionar, exibir, analisar, medir, classificar, retratar, descrever, controlar e arquivar os “outros” e a sua imagem (CORBEY, 1993). O pesquisador Raymond Corbey ressaltou:

As pessoas exibidas tinham que ficar em um espaço precisamente delimitado na exposição, o qual representava o seu mundo. A linha que separava esse mundo do mundo das pessoas que as visitavam e inspecionavam, que separava primitivismo de civilização, natureza de cultura, tinha que ser respeitada incondicionalmente. Qualquer sinal de aculturação era reprimido, enquanto os nativos estivessem em exibição (CORBEY, 1993:344).

Nas feiras eram reproduzidos em menor escala os habitats dos povos a serem exibidos, os quais ali viviam por meses, enquanto durasse o evento. Muitas daquelas pessoas vinham de locais distantes e, tiradas de seu habitat natural, em contato com climas e doenças diferentes, com o cansaço de serem exibidas nas exposições e com o fato de estarem longe de suas casas e dos seus, além de, obviamente, nunca instalados em condições ideais, adoeciam e morriam durante os meses das feiras. Tal fato, inclusive, já era sabido e até mesmo esperado pelos numerosos organizadores dos eventos. Eram expostos, fotografados, comparados, em troca de pouco pagamento e, muitas vezes, nem sobreviviam. Sua presença ao vivo e seus retratos eram explorados para estudos, curiosidade e diversão. Seus cadáveres eram disputados por escolas de medicina, museus e coleções.

As exposições traziam consigo o discurso da educação e respeito por aqueles “outros” e suas culturas, mas tinham a ver com o intuito de dar crédito e legitimar teorias racistas em voga desde fins do século XVIII, as quais exploravam escalas evolutivas e colocavam índios, negros, mestiços, “exóticos” e “bizarros” em geral no início da linha de evolução. Como curiosidade e sentimento de superioridade caminhavam lado a lado, para o público que freqüentava as feiras, com toda aquela diversidade e alteridade em contraste, a ida aos eventos era um interessante meio de entretenimento, informação e auto-afirmação. Definir a

identidade do “outro” ajudava a delinear a própria identidade. Por fim, a exploração do “mito do selvagem”, do “primitivo”, através daqueles zôos humanos, daria realidade ao discurso racial do período e ajudaria a *justificar* e a *desculpar* o imperialismo do branco de ascendência européia sobre os demais povos e culturas.

O retrato do “outro”.

A fotografia era encarada como consumismo, colecionismo, modismo, mas também como uma possibilidade de *representação de si* e do *outro*, devido ao crédito logo dado ao meio como *traçado da realidade*. Dessa forma, a fotografia viera auxiliar diversas áreas de estudo e pesquisa, como uma forma de torná-las visíveis, dar-lhes as *evidências* necessárias. Como meio “fiel” de representação, logo foi explorada pela arqueologia, pela medicina, pela criminalística, pela antropologia, e etc. A exploração antropométrica através da fotografia iniciara-se no fim da década de 1840, sob a forma do daguerreótipo.

O novo meio informava, detalhava, reafirmava, podia ajudar a contestar, ou mesmo a “destruir” argumentos, ou ainda a “prová-los”. Se, por um lado, a câmera registrava uma determinada cena (ou um detalhe de uma cena) que não se desejava que fosse perdida, por outro lado, ela isolava os sujeitos, dando margem a novas interpretações da parte do observador. Para os antropólogos, aquela seria uma forma mais dinâmica de registrar as diferentes culturas (seus habitantes e hábitos) antes que elas “se extinguissem”. Tais registros foram feitos tanto nas grandes feiras universais, quanto em expedições organizadas às diversas regiões do planeta. Já os fotógrafos viajantes tinham a intenção de satisfazer o crescente gosto do público pelo comércio de “bens exóticos” no período; dessa forma, muitas fotos foram parar nas mãos de curiosos e enviadas a amigos distantes na forma de postais, ou adicionadas a outros objetos dos *gabinetes de curiosidades* dos adeptos do colecionismo. Vários daqueles registros, no entanto, foram usados como base de dados, material para sustentação das teorias racistas em questão.

Alguns autores argumentaram que o constrangimento causado pela situação de ser fotografado, com a pose orquestrada pelo fotógrafo, mostra as pessoas posando apenas como *modelos*, sem poder de participação ou intervenção. No entanto, foi apenas quando os colonizados começaram a ser desenhados, pintados e, sobretudo, *fotografados* que a sua capacidade de resistência foi notada, que a eles também foi dada a oportunidade de *auto-representação*. Em tais fotos, percebemos diferentes níveis de participação, pois o nível de participação irá depender do tipo de registro (um retrato com um grande grupo em estúdio ou

ao ar livre, ou um retrato individual, de corpo inteiro ou de busto), *do modelo*, de sua capacidade de *se mostrar*, mas também *do fotógrafo*. Dependendo do fotógrafo que registrava a cena, e dependendo da finalidade já definida que o registro teria (um trabalho a ser vendido como souvenir, ou um trabalho a ser usado como base de dados para estudos), aquele poderia permitir, facilitar, estimular, ou mesmo tentar limitar ao modelo a sua habilidade de se comunicar, de participar como co-autor do (seu) retrato (KOUTSOUKOS, 2006).

Nas fotos de cada grupo exibido eram explorados itens de sua cultura e características físicas, mas de uma forma que atestaria e daria as evidências necessárias do que se denominava como “primitivismo” daqueles grupos. Enquanto olhadas como *documentos históricos*, podemos tentar perceber as estratégias e os níveis de participação de cada sujeito na produção daqueles que também poderiam ser considerados *retratos pessoais*. Apresento aqui os negros Dahomeyans exibidos na Exposição Universal de Chicago de 1893 (Chicago Columbian Exposition, EUA).

Estudo de caso: Os negros Dahomeyans exibidos na Exposição Universal de Chicago de 1893.

Entre maio e outubro de 1893, na cidade de Chicago (EUA), aconteceu a Exposição Universal conhecida como Columbian Exposition, que celebrou os 400 anos da descoberta da América por Colombo. O campo da feira foi dividido em dois, bem distintos: a *cidade branca* (The White City) e a Midway Plaisance. Na cidade branca estavam situados os numerosos prédios brancos suntuosos e reluzentes que abrigavam exposições dos diversos países ditos civilizados e expunham seus avanços em tecnologia, indústria, ciências e artes. Na Midway, construída como um apêndice da grande feira, eram exibidos os “outros”. As atrações da Midway, com seus estereótipos raciais e culturais ressaltados,¹ serviam a propósitos educacionais e científicos – como exemplos de diferentes níveis de civilização, que iria do quase civilizado ao selvagem –, e como entretenimento para o público, que ali consumia comidas e bebidas típicas de outras culturas, assistia a shows de dançarinas exóticas (egípcias, árabes e argelinas), shows de freaks (grotescos – pessoas com deficiências ou particularidades especiais, exibidas como se estivessem em pequenos circos), apresentações de habilidade com

¹ Os displays da feira de Chicago foram organizados pelo antropólogo Franz Boas. Sobre o assunto: COLE, Josh, “Cultural and racial stereotypes on the Midway”, no site <http://www.eiu.edu/~historia/archives/2007/cole.pdf>, p. 12, acessado em dezembro de 2007.

o laço, o chicote e os cães de esquimós (vestidos a caráter, com suas peles, nos meses mais quentes de Chicago), observavam árabes passeando com seus camelos, entre outras várias atrações. Por fim, o público se deparava com uma pequena vila formada por casinhas construídas com madeira tosca, bambus e palha e com um povo típico africano – os Dahomeyans (**Imagem 1** – originais da região atualmente ocupada por Togo e Benin), relegados à Midway, local de comidas, lanches e diversão; relegados ao status de “curiosidades” na zona de entretenimento. Vejamos:

Como se fosse para envergonhar o negro, os Dahomeyans estão aqui também para exibir o negro como selvagem repulsivo... A degradação que a vila Dahomeyan trouxe para a sua própria raça se expandiu para degradar todas as pessoas de cor (DOUGLASS em RYDELL, 1999:7-16).

O comentário acima foi escrito pelo ex-escravo e líder negro afro-americano, Frederick Douglass. O texto do líder negro mostra a revolta e o sentimento de injustiça racial e cultural sentido pelos afro-americanos quando exposições daquele tipo eram organizadas. Pessoas de sua mesma raça, com a pele tão escura quanto a deles, eram exibidas como se fizessem parte do início de uma imaginária linha de evolução humana (MAXWELL, 1999:20). A cidade branca e a Midway, em contraste diante do espectador/visitante, “dramatizava” a linha de evolução humana, que iria do branco superior ao negro selvagem primitivo.² Ali era encenado o Darwinismo social, uma “adaptação” racista da teoria evolucionista de Charles Darwin (exposta em *A origem das espécies*, de 1859). As interpretações que cientistas e pensadores faziam das teorias darwinistas de mutação e seleção natural davam suporte para que se seguisse com os crescentes interesses imperialistas, afirmando que as raças não haviam evoluído de forma diferente (de acordo com circunstâncias e material genético, como afirmava Darwin), mas que se encontravam num estágio *inferior* de desenvolvimento; dessa forma, defendendo que para aquelas sociedades “primitivas” não haveria possibilidade de desenvolvimento, a não ser que fossem *resgatadas* pelas sociedades mais desenvolvidas. Segundo observou Anne Maxwell, o público que comparecia às feiras era levado a entender a divisão do mundo em duas categorias: os que eram brancos, bonitos e destinados a sobreviver, e os que eram coloridos, feios e destinados a

² Stephen Jay Gould explicou que, naquele momento, na escala de evolução, os indígenas foram colocados abaixo dos brancos, e os negros abaixo de todos. Gould acrescentou que havia, à época, dois grupos de pensadores que sustentavam a teoria da inferioridade dos negros: os hard-liners (literalmente, os “linha-dura”) e os soft-liners (os moderados). Os primeiros usavam o suposto status biológico inferior dos negros para justificar escravidão e colonização; os segundos “aceitavam” que os negros eram inferiores, mas ressaltavam que o direito de um grupo à liberdade não dependia de seu nível de inteligência. GOULD, Stephen Jay, *The mismeasure of man*. Nova York, Norton, 1996, pp. 30-35.

desaparecer (MAXWELL, 1999:82). Entretanto, nas feiras, o evolucionismo tinha que ser apresentado de forma que prendesse o interesse do público, que o entretivesse e não o aborrecesse com muita abstração científica; daí, a importância da diversidade de atrações exibidas na Midway, com shows de dançarinas exóticas, comidas típicas, e etc.



Imagem 1³

Os Dahomeyans já haviam sido exibidos em 1889, na exposição universal que aconteceu em Paris. Anne Maxwell esclareceu que os Dahomeyans pareceram, no ano de 1889, particularmente “patéticos” à audiência da feira. Sua semi-nudez e seu estado “primitivo” fez com que a conquista de seu território parecesse *inevitável*, “explicando” porquê aquele povo precisava ser *resgatado*. Em 1890, a resistência dos Dahomeyans perante as tropas francesas estacionadas na África transformou os “coitados” Dahomeyans em “selvagens sedentos por sangue”, para a opinião pública ocidentalizada. Assim, na *imagem* divulgada, o povo Dahomeyan passou de “coitadinho primitivo” para “selvagem sanguinário”. Em 1893, já conquistados, a imagem explorada passou a ser a força física daquele povo e, novamente, o seu “primitivismo” e “selvageria” (MAXWELL, 1999:20).

Conhecidos por sua antiga prática antropofágica, os Dahomeyans foram colocados na Midway de Chicago como o povo mais selvagem e primitivo existente. Em contraste com o resto da feira, mesmo com várias das outras atrações da própria Midway, ficava evidente a humilhação à qual aquele grupo estava exposto. Porém, o fato é que tais exibições, chamadas de sideshows, eram o chamariz essencial para atrair o grande público para as exposições. As pessoas não queriam mais apenas ouvir falar e ler sobre locais e pessoas “exóticas” e hábitos diferentes, queriam poder ver tudo isso ao vivo. Era a curiosidade pelo “outro” o que mais as atraía às feiras. Consta que o exotismo comercializado dos sideshows dava um lucro

³ Imagem 1 – Foto de C. D. Arnold (fotógrafo oficial da Exposição Universal de Chicago de 1893); reproduzida do acervo da Special Collections and Preservation Division da Chicago Public Library, Chicago, IL, EUA. Volume III, # 95.

extraordinário e, no caso da feira de Chicago, ajudou em muito a salvar da bancarrota os investimentos feitos na montagem da exposição como um todo (RYDELL, FINDLING, PELLE, 2000:38-39). Vinte e oito milhões de pessoas compareceram à Exposição de Chicago durante os seis meses nos quais durou a feira.

No entanto, da mesma forma como *eram olhadas*, as pessoas exibidas nos sideshows também *olhavam o outro*. Olhavam aquele “outro” branco, vestido com roupas ocidentalizadas, muitas vezes de situação social abastada. Depois de algum tempo apresentando suas danças típicas, música, linguagem e habilidades com instrumentos de caça, sendo expostos, fotografados, apontados, olhados com espanto e até horror, os Dahomeyans se cansaram do lugar de “povo mais primitivo” em exibição. Um dia, a feira foi aberta e os Dahomeyans haviam colocado uma placa na frente da sua vila, pedindo educadamente ao público que parasse de fazer perguntas sobre canibalismo, pois tais perguntas os aborreciam (MAXWELL, 1999:80-81).



Imagem 2



Imagem 3

As imagens da feira de Chicago, divididas em vistas geral das construções, vistas com espectadores passeando, vistas de aspectos particulares das vilas etnográficas e poses de

estúdio, foram montadas em álbuns (que acabaram enviados para algumas Instituições) e, sobretudo, vendidas por unidade ao público, a título de souvenir. Na **imagem 2** temos um grupo de guerreiros Dahomeyans posando vestidos com suas roupas do dia-a-dia, no campo da feira em frente à suas cabanas.⁴ Na **imagem 3**, o grupo posou em estúdio.⁵ Nessa foto, são apresentadas a indumentária (alguns com peles de animais e torços nus) e os instrumentos rudimentares de caça e confronto. As encenações de destreza com os instrumentos, e os gritos e chamados de guerra, eram apresentados ao público em horários determinados. A pose foi orquestrada pelo fotógrafo e mantida até que ele fizesse o registro. Notar as mulheres Dahomeyans, que eram também vistas como verdadeiras *amazonas* no imaginário do branco ocidental: fortes, corajosas e guerreiras, mesmo quando prenhes.

Ícones à posteridade.

O enquadramento e o registro da *imagem do outro* é uma forma de delinear a própria identidade. As exposições deram permissão aos povos que as organizavam, ou que a elas compareciam, a se sentirem culturalmente superiores – a hegemonia cultural do branco, fosse ele da classe mais abastada, ou da menos favorecida. Tal sentimento ajudou a legitimar a violência/exploração racial e o imperialismo. O público que comparecia às exposições identificava os povos exibidos como primitivos e passíveis de conquista pelo branco ocidental civilizado; como se aquelas raças ditas “inferiores” tivessem apenas a ganhar com a conquista, em termos de cultura, religião, indústria, tecnologia e ciências. Num período no qual poucas pessoas viajavam, as exposições e suas imagens ganharam o status de *evidências* do que acontecia nas regiões mais distantes e “exóticas”. Para os expositores, tais exposições eram uma máquina de fazer dinheiro, montadas com o aval das autoridades locais, com o apoio de cientistas e estudiosos, e com o bom atendimento do público (BOGDAN, 1988:177). Aos organizadores das feiras, aos cientistas, aos homens de letras e ao público não ocorreu (ou sim?) que, ali, o *ato selvagem* era praticado por eles, que expunham o *outro*, o mediam, classificavam, apontavam, olhavam, colecionavam. No início, as exposições de gente ajudaram a sustentar a instituição da escravidão e o imperialismo. Mais tarde, continuaram sustentando atitudes racistas de exclusão, injustiças e tratamentos desiguais dos povos não-brancos.

⁴ Imagem 2 – Foto de C. D. Arnold; reproduzida do acervo da Special Collections and Preservation Division da Chicago Public Library, Chicago, IL, EUA. Vol.3, #96.

⁵ Imagem 3 – Foto de C. D. Arnold, Chicago, 1893; reproduzida do acervo da Special Collections and Preservation Division da Chicago Public Library, Chicago, IL, EUA. Vol. 10, #70.

Os grupos selecionados, exibidos e retratados eram escolhidos com cuidado, e todos representavam, através do ressaltado “primitivismo”, alguma espécie de medo ou tabu ocidental. Os Dahomeyans eram os temidos antropófagos, os selvagens sanguinários, representados empunhando suas armas de combate. Mesmo lidando com estereótipos coloniais, muitos fotógrafos produziram registros nos quais os colonizados *se mostram*, exibem *sua força de resistência, se dão a ver* e posam não apenas como modelos, mas como agentes participantes das (suas) fotos, expondo suas particularidades físicas, sua cultura, sua dignidade, sua identidade e (por quê não dizer?) uma parte da sua história. É interessante pensar que das pessoas que tiraram aquelas fotos, e das outras que olharam aquelas pessoas enquanto exibidas nas suas “vitrines vivas”, não temos fotos. Porém, graças também a elas, as imagens das pessoas exibidas chegaram até nós, mais uma vez “exibindo-as” à curiosidade e ao estudo, mas também dando-lhes o merecido status de *ícones* à posteridade.

Bibliografia:

- BANCEL, Nicolas, BLANCHARD, Pascal, BOËTSCH, Gilles et al., *Zoos humains. Au temps des exhibitions humaines*. Paris, La Découverte, 2004.
- BOGDAN, Robert, *Freak show. Presenting human oddities for amusement and profit*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 1988.
- COLE, Josh, “Cultural and racial stereotypes on the Midway”, no site <http://www.eiu.edu/~historia/archives/2007/cole.pdf>, acessado em dezembro de 2007.
- CORBET, Raymond, “Ethnographic showcases, 1870-1930”, em *Cultural Anthropology*, volume 8, n. 3, agosto de 1993, pp. 338-369.
- EDWARDS, Elizabeth (edição), *Anthropology and photography, 1860-1920*. New Haven e Londres; Yale Univ. Press e The Royal Anthropological Institute, 1992.
- GOULD, Stephen Jay, *The mismeasure of man*. Nova York, Norton, 1996.
- KINNEY, Leila, ÇELIK, Zeynep, “Ethnography and exhibitionism at the expositions universelles”, em *Assemblage*, n. 13, dezembro de 1990, pp. 34-59.
- KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado, *No estúdio do fotógrafo. Representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX*. Tese de Doutorado em Multimeios, Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, 2006; orientação: profa. Dra. Iara Lis Schiavinatto; bolsa de pesquisa da FAPESP.
- LINDFORS, Bernth (editor), *Africans on stage. Studies in ethnological show business*. Bloomington e Indianapolis, Indiana University Press, 1999.
- MAXWELL, Anne, *Colonial photography & exhibitions. Representations of the ‘native’ and the making of european identities*. Londres e Nova York, Leicester Univ. Press, 1999.
- RYDELL, Robert W. (editor), *The reason why colored american is not in the Worl’s Columbian Exposition: the afro-american’s contribution to Columbian literature*. University of Illinois Press, 1999, pp. 7-16.
- RYDELL, Robert W, FINDLING, John E. e PELLE, Kimberly D., *Fair America: World’s fairs in the United States*. Washington, Smithsonian Institution Press, 2000.